

RESENHA/REVIEW

REITER, Rosina Márquez e María Elena PLACENCIA. 2005. *Spanish Pragmatics*. Houndmills, Hampshire e Nova Iorque: Palgrave Macmillan. x + 284 p.

Resenhado por/by: Kanavillil RAJAGOPALAN
(Unicamp)

O título deste livro *Spanish Pragmatics* (A Pragmática Espanhola) pode levar um leitor apressado a pensar que se trata de uma forma diferente e peculiar de conceber a pragmática, oriunda de uma maneira de pensar própria da cultura e tradição espanholas – com, quem sabe, fortes influências de filósofos como José Ortega y Gasset, cujo lema “*Yo soy yo y mi circunstancia*” pode comportar uma leitura pragmática, como têm argumentado alguns estudiosos. Acontece que o livro nada tem a ver com a Espanha, mas sim a língua espanhola e, mesmo nesse caso, com ênfase nas suas variantes sul-americanas. Uma consulta à lista de abreviações terminológicas constante na página *x* evidencia isso: há menção ao espanhol argentino, boliviano, cubano, chileno, equatoriano, estadunidense, mexicano, peruano, uruguaio, venezuelano, além de “espanhol peninsular” e, genericamente, “da América Latina”.

Acontece que a base teórica utilizada pelas autoras (de origem, ao que parece, uruguaia e equatoriana respectivamente, porém residentes na Grã Bretanha e lotadas em universidades inglesas) é de inspiração anglo-americana, mais precisamente do trio Austin-Searle-Grice. Mas as autoras se interessam pela “recepção da teoria [dos Atos de Fala] por hispanistas, onde discutiremos alguns desenvolvimentos teóricos e, mais extensivamente, as aplicações da teoria na investigação de atos de fala em Espanhol.” (p. 6). E acrescentam: “E, neste particular, é importante observar que a maioria dos hispanistas que trabalham na área não tem se preocupado com a teoria dos atos de fala como uma teoria de significado; eles, ao invés, têm utilizado as unidades básicas de análise fornecidas pela teoria a fim explorar o uso

de espanhol em contextos sociais e culturais diferentes” (*ibid.*). E, sem dúvida, é nisso que reside o principal mérito deste livro. Seções como “A recepção da teoria por hispanistas” (pp. 41-77), “O trabalho de hispanistas incorporando conceitos de Análise Conversacional” (pp. 111-142), “Revisão por hispanistas da abordagem de Brown e Levinson” e “Modelos alternativos propostos por hispanistas” (pp. 171-176), e “Estudos empíricos hispânicos sobre polidez” (pp. 177-190) merecem destaque e contribuem para tornar este livro particularmente interessante e útil para o leitor brasileiro.

O livro se encontra organizado da seguinte forma. Após um capítulo introdutório, tem-se um intitulado ‘A teoria dos atos de fala: examinando a linguagem no nível do enunciado’. O capítulo 3 tem como título ‘A análise conversacional: examinando trechos de conversa’. O capítulo 4, sob o título ‘Examinando os fenômenos de polidez lingüística’ faz um levantamento de trabalhos realizados por hispanistas nessa área de investigação. ‘Examinando a variação sociopragmática’ é o título do capítulo 5. Finalmente, temos um capítulo que encerra o livro e que se intitula ‘Métodos de pesquisa em sociopragmática’, onde são discutidas questões como ética, elicitação de dados, triangulação etc.

Dentre os que mais se destacaram na tarefa de propor revisões importantes na teoria de atos de fala está o hispanista holandês Henk Haverkate, cujos livros *Impositive Sentences in Spanish: Theory and Description in Linguistic Pragmatics* (Haverkate, 1979) e *Speech Acts, Speakers and Hearers: Reference and Referential Strategies in Spanish*. (Haverkate, 1984) tiveram um grande impacto. Diga-se de passagem, o primeiro destes serviu de principal fonte de inspiração para a tese de doutorado de Carlos Alberto Faraco (1982), possivelmente o pioneiro nessa linha de investigação aqui no Brasil (ver também Faraco, 1986). Com o segundo livro, Haverkate foi mundialmente reconhecido como o primeiro pesquisador a criticar Searle por ter proporcionado importância demasiada ao falante/emissor em detrimento do ouvinte/destinatário em sua abordagem teórica e, como parte de tentativa de sanar o problema, propor o conceito de “atos comunicativos lingüísticos” (*linguistic communicative acts*), englobando os atos de fala *stricto sensu* e os “atos interpretativos”, estes sim, inteiramente a cargo de ouvintes. Já no primeiro livro, Haverkate pleiteava a substituição dos atos perlocucionários de Austin e Searle por “efeitos” perlocucionários e a introdução no aparato teórico de mais um novo conceito, a saber, o do “ato alocucionário”,

para designar o conjunto de mecanismos lingüísticos que o falante mobiliza para assegurar, por parte do ouvinte, uma reação positiva ao ato de fala que ele profere. Atos alocucionários, segundo Haverkate, servem para ou mitigar ou reforçar a força ilocucionária de um enunciado, ou exprimi-la de forma “neutra”, como nos seguintes exemplos seus (Haverkate, 1979: 12), idéia esta que captada pelo conceito de atenuação de força em Rajagopalan (1982).

Creio que ese coche es de mi vecino. (força mitigada)

Ese coche es de mi vecino. (força manifesta de forma neutra)

Estoy absolutamente convencido de que ese coche es de mi vecino. (força reforçada)

Talvez a inovação mais importante introduzida por Haverkate esteja em propor o conceito de uma escala gradiente entre os atos de fala diretos e indiretos no lugar da distinção binária e categórica entre os dois originalmente levantada por Searle (1975). A idéia de atos decididamente indiretos foi uma questão difícil de sustentar na medida em que em que se esbarrava, no fundo, em uma questão de atribuir prioridade ao sentido autorizado pela forma sintática da sentença* e não à função comunicativa do enunciado (cf. Rajagopalan, 1984), problema este habilmente contornado pela solução encontrada por Haverkate. Porém Reiter e Placencia apontam problemas com a proposta de Haverkate com base na alegação de que as intuições de falantes variam significativamente a respeito de casos específicos discutidos por ele. As autoras concluem dizendo: “Uma tarefa para os hispanistas seria o de identificar e descrever outros atos de fala que exibem um componente preeminente de especificidade cultural ou que são peculiares às culturas hispânicas” (pp. 76-77).

Em relação ao trabalho realizado por hispanistas no campo de Análise Conversacional, as autoras destacam o trabalho de Lars Fant, da Universidade de Estocolmo, dirigido à questão de tomada de turnos (*turn-taking*) em espanhol peninsular em contraste com o sueco. Chamam atenção para a sua descoberta de que, ao contrário dos suecos, os espanhóis utilizam o olhar atento (*gaze*) com muito mais freqüência em manifestar interesse no

* Que outra justificativa pode haver para considerar ‘Você pode me passar o sal?’ como sendo primeiramente uma pergunta e só posteriormente um pedido (ou, melhor, ser entendido como um pedido, por ser antes entendido como uma pergunta, como quer Searle) a não ser o fato de que a sentença tem a forma interrogativa?

que o falante diz e também ao fato de que, na fala dos espanhóis, desconcontros e falta de conectividade entre turnos são muito mais comuns do que no caso dos suecos, resultando em possíveis quebras em eventuais encontros interculturais.

“A influência de Análise Conversacional na sociopragmática (hispanica) é inquestionável”, escrevem as autoras (p. 107). Em que consistiria essa influência? Eis a resposta nas palavras das próprias autoras: “Alguns aspectos da metodologia e do arcabouço da Análise Conversacional, em particular o uso de transcrições detalhadas das gravações áudio/vídeo de interações, bem como alguns dos conceitos básicos (por exemplo, *adjacency pairs*) e terminologia, como em, *análise de la conversación*, *alternancia de turnos* têm se tornado muito corriqueiros entre os hispanistas.” (p. 111). Entretanto, elas se apressam em acrescentar: “Todavia, para uma boa parte de trabalho disponível na sociopragmática hispânica, a influência da Análise Conversacional não muito vai além da adoção de alguns aspectos da coleta de dados e transcrição, e alguns conceitos básicos” (*ibid.*). Diante da afirmação um tanto confiante e bombástica citada no início deste parágrafo, devemos caracterizar esta última como uma ducha de água fria**.

É na questão de polidez ou o que os hispanistas chamam de *cortesía* que as diferentes variedades do idioma espanhol têm demonstrado grandes diferenças com as demais línguas, em especial o inglês. Mais uma vez, Henk Haverkate é a referência obrigatória com seu livro *La cortesía verbal: estudio pragmatolinguístico* (Haverkate, 1994) descrito pelas autoras do livro sobre o holofote como “o primeiro e, até o momento, o único livro sobre polidez escrito em espanhol” (p. 166). Muitos hispanistas têm chegado à conclusão de que o modelo proposto por Brown e Levinson (1987) precisa sofrer modificações significativas para poder lidar com casos específicos em espanhol, o que não vem a ser uma grande surpresa, pois questões de polidez e assuntos afins remetem aos aspectos culturais de cada povo, apesar do desejo de Brown e Levinson de identificar universais neste campo (cf. Rajagopalan, 1992).

** Pois a impressão que afirmações deste tipo passa para o leitor é a de que os hispanistas se contentaram, em larga medida, em meramente aplicar na língua espanhola os modelos de análise já disponível na literatura, esquivando-se de qualquer interesse em propor modelos novos e mais bem equipados para lidar com seus dados, ou pelo menos, sugerir modificações nos modelos consagrados a fim de que eles dêem conta do recado de forma satisfatória.

Está na hora de fazermos uma apreciação geral do livro como um todo. Talvez o ponto de partida deva ser a questão crucial com que abrimos esta resenha: qual o sentido preciso do título *Pragmática Espanhola* dado a este livro? Pelo exposto, trata-se de um esforço de identificar o conjunto de trabalhos realizados por hispanistas no sentido de aplicar as várias teorias no campo da pragmática na língua espanhola em suas múltiplas variantes. Em outras palavras, não há nenhuma pretensão de refletir sobre as teorias em si. Em geral, a discussão sobre as teorias e vertentes pragmáticas é muito a-crítica e didática. Às vezes, as autoras repetem os mesmos erros de outros ao simplificar demais algumas dessas teorias. Eis um exemplo gritante:

Austin (1962) observou que a língua é utilizada não somente para descrever o mundo, ou verdadeira ou falsamente, por intermédio de afirmações, mas também para ‘fazer’ coisa. (p. 9)

Sem dúvida, procedente, diria eu, porém profundamente simplista e enganadora por ser parcial. Conforme mostrei em uma série de trabalhos e, em especial Rajagopalan, 2000, o intuito principal de Austin não foi o de estabelecer uma distinção dicotômica entre enunciados constativos e enunciados performativos, mas de superar a própria distinção que ele mesmo havia proposto no início de suas incursões para chegar à conclusão devastadora de que os chamados constativos não passam de “performativos mascarados”, para lembrar sua própria metáfora. Ou seja, no final de suas reflexões os constativos existem apenas como fantasmas.

Há uma série de autores que investiram nos desdobramentos palpantes da conclusão a que chega Austin e, graças ao seu trabalho, a filosofia da linguagem ordinária continua a despertar muito interesse (cf Rajagopalan, no prelo-1). Mas as autoras do livro preferiram discutir seu tema passando ao largo dessas questões “incômodas”. Não só a teoria dos atos de fala é entendida no seu sentido “achatado”, a própria pragmática é tratada sem levar em conta os últimos avanços. Estudiosos como Mey e Verschueren são mencionados *en passant* ao longo do livro, mas não há nenhum esforço de encarar com seriedade os desafios lançados por eles (cf. Rajagopalan no prelo-2). Também não há nenhuma preocupação com a rapidez com que inovações tecnológicas estão impactando as nossas vidas. Tal atitude se contrasta, por exemplo, com a de Carmen Silva-Corvalán que, em seu livro *Sociolingüística y Pragmática del Español* (Silva-Corvalán, 2001),

nos diz logo na introdução: “*En la era de la globalización, la informática y la televisión sin barreras nacionales, las palabras cruzan los espacios con rapidez y nos exponemos con creciente frecuencia a diferentes maneras de hablar*” e afirma a necessidade de se atentar para os “*factores sociales más sutiles relacionados con la historia social del individuo, con sus ambiciones y con los grupos sociales con que se identifica o aspira a identificarse*” (Silva-Corvalán, 2001: 125). Neste sentido, um livro como o de Silva-Corvalán, é muito mais ousado e condizente com as nossas vidas de hoje (Rajagopalan, 2005) do que o livro de Reiter e Placencia.

Mas, dito isso, talvez se deva acrescentar que o objetivo das autoras do livro é menos ambicioso. Como elas mesmas nos adiantam na Introdução ao livro, “[...] diferentemente de outros livros sobre pragmática, [...] oferecemos uma visão retrospectiva compreensiva, porém não necessariamente exaustiva, dos estudos empíricos que foram realizados, de uma perspectiva pragmática sociocultural, nas diferentes variedades de espanhol” (p. 3). Nesta empreitada mais modesta, as autoras tiveram pleno êxito. O livro é útil para os leitores brasileiros que desejam ter um primeiro contato com as pesquisas realizadas por hispanistas no campo da pragmática.

Recebido em outubro de 2008.

Aprovado em dezembro de 2008.

E-mail: rajagopalan@uol.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L. 1962. *How to Do Things with Words*. Oxford: Clarendon Press.
- BROWN, Penelope e Stephen LEVINSON. 1987. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FARACO, Carlos A. 1982. The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical analysis. Tese de doutorado. Inglaterra: Universidade de Salford. Inédita.
- _____. 1986. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *DELTA*. Vol. 2, nº. 1. pp. 1-15.
- HAVERKATE, Henk. 1979. *Impositie Sentences in Spanish: Theory and Description in Linguistic Pragmatics*. Amsterdam: North-Holland.
- _____. 1984. *Speech Acts, Speakers and Hearers: Reference and Referential Strategies in Spanish*. Amsterdam: John Benjamins.

- _____. 1994. *La cortesía verbal: estudio pragmatolinguístico*. Madrid: Editorial Gredos.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. 1982. 'Force-softeners in English'. Trabalho apresentado no 1º Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem. Campinas, SP: CLE, UNICAMP. Inédito.
- _____. 1984. 'Posso fazer uma pergunta?' *Estudos Lingüísticos*. IX. (Anais do XXVII GEL). pp. 83-87.
- _____. 1992. 'A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor das tentativas taxonômicas'. *DELTA*. Vol. 8. N.º 1. pp. 91-133.
- _____. 2000. 'On Searle [on Austin] on language'. *Language & Communication*. Vol. 20. No. 4. pp. 347-391.
- _____. 2005. 'Review of *Sociolingüística y Pragmática del Español* by Carmen Silva-Corvalán'. *Word*. Vol 56. n º2. pp. 296-300.
- _____. (no prelo-1). 'Ordinary language philosophy'. In: Chapman, Siobhan e Christopher Routledge (orgs.). *Key Ideas in Linguistics and the Philosophy of Language* Edimburgo: Edinburgh University Press.
- _____. (no prelo-2). 'Pragmatics today: from a component of linguistics to a perspective of language – a tribute to Jacob Mey'. Em Fraser, Bruce e Ken Turner (orgs.). *A Festschrift for Jacob Mey*. Londres: Emerald Group Publishing Limited.
- SEARLE, John R. (1975). 'Indirect speech acts'. Em Cole, P e J. Morgan (orgs). *Syntax and Semantics 3. Speech Acts*. Nova Iorque: Academic Press. pp. 59 – 82.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen (2001). *Sociolingüística y Pragmática del Español*. Washington, D.C.: George Washington University Press.